

A escola pública não é sucata



Talvez por estarem dando certo as mudanças sejam tão combatidas

Está em curso um plano articulado visando desqualificar o esforço inédito do Estado de São Paulo para implantar um novo padrão de qualidade nas escolas públicas.

Aproveitando os ingredientes altamente desgastantes da greve dos professores e do prolongado impasse em torno da questão salarial, a oposição política ao governo do Estado trabalha para desmoralizar um notável esforço coletivo realizado nos últimos dois anos, do qual milhares de professores, funcionários, alunos e pais foram os principais protagonistas.

A escola pública finalmente começa a abraçar a causa da qualidade, com resultados surpreendentes na redução das taxas de evasão e repetência. Mais do que isso, nas escolas-padrão vem se criando uma nova cultura da participação e da responsabilidade para com o aluno e para com a comunidade, resultado de uma série de providências que, articuladas, atingiram um inegável sucesso. Mas talvez por estarem dando certo essas mudanças estejam sendo tão combatidas.

Uma perversa combinação de interesses corporativos com posições político-partidárias atrasadas recusa as evidências e pretende convencer a opinião pública de que a política educacional em curso é a da repressão policial e do sucatamento da escola pública.

Acontece que os milhares de profissionais competentes e sérios que têm trabalhado pela escola pública não podem aceitar que os formidáveis avanços obtidos nesse período sejam soterrados na vala comum de uma crise financeiro-salarial que não se resume ao setor educacional, não foi inventada neste governo e que, afinal, corresponde a uma crise global do Estado brasileiro.

A verdade é que, apesar desse quadro, muito se avançou nestes 30 meses. Será que alguém pode contestar que, em apenas dois anos, foram criadas 1.358 escolas-padrão em nosso Estado, com as principais inovações pedagógicas em funcionamento, muitas já se colocando à altura das boas escolas privadas?

Como esconder os 2 milhões de

livros para as bibliotecas, os vídeos, os computadores, os laboratórios, as centenas de milhares de carteiras e mesas novas? Teriam sido obra da "maldosa" propaganda do governo ou estariam justamente lá, nas escolas-padrão?

A acusação é de abandono? Mas quem tem a coragem de negar que conseguimos implantar um vigoroso sistema de capacitação profissional, do qual já participaram mais de 200 mil pro-

fessores? O que acham disso os próprios professores?

Sucatamento? E quem consertou as escolas? Quem vai contestar que mais de 4 mil unidades em todo o Estado já foram reformadas?

Por acaso faltou vaga para quem procurou a escola pública? Não! Em pouco mais de dois anos foram construídas 135 novas escolas, 2.353 novas salas de aula abrindo mais 216.165 vagas em toda a rede.

Autoritarismo? É mentira ou é verdade que se está dando toda a força aos conselhos de escola, órgãos em que professores, alunos e pais decidem, com toda a auto-

nomia e democracia, os rumos da escola?

Gastos em propaganda? Sim, e os maiores gastos em publicidade foram justamente para campanhas que estimularam a participação dos pais na vida escolar.

Por que as escolas estaduais se tornaram uma opção para a classe média? Fugindo das altas mensalidades, ela encontrou nas escolas públicas um nível de ensino bastante razoável.

Com honestidade vamos verificar que, apesar da crise, há, sim, uma boa escola pública, fruto do trabalho dedicado de tantos e tantos profissionais da educação. Não podemos, portanto, aceitar que tudo isso seja desqualificado por interesses amesquinhados ou pela miopia que às vezes toma conta de certas lideranças sindicais. O governo de São Paulo reconhece suas dificuldades decorrentes da situação nacional. Mas, decididamente, só um mau-caráter oportunista pode sustentar que ele pretende o sucatamento do ensino público.

Não estamos, obviamente, num mar de rosas. Os grandes dilemas da educação pública precisam ser resolvidos, não apenas pelos governos, mas pelo conjunto da sociedade.

O primeiro deles é o problema do financiamento, ao qual está ligada a delicada questão salarial,

que está aí a exigir um adequado equacionamento.

A sociedade precisa encontrar uma solução para as necessidades de mais recursos para a educação numa situação de crise e de recessão.

Outro problema é o da organização do sistema educacional. Nenhuma organização que tenha 320 mil funcionários, 6.200 unidades e 68 milhões de clientes diretos (alunos) pode funcionar bem de maneira centralizada. Os desperdícios são inevitáveis, as leis corporativas são perdulárias, não há avaliação permanente da qualidade e se perde completamente o objetivo social do trabalho. Por isso devemos buscar uma nova escola, radicalizando o conceito de autonomia, subvertendo a legislação corporativista ao interesse social e dando chance a que a comunidade participe de modo mais efetivo da administração da sua própria escola. Nesse sentido, precisamos de uma escola menos estatal e mais pública, conforme propõe o Programa de Reforma do Ensino Público.

Todavia, enfrentar essa ordem de problemas permanece insuficiente. Resta resolver o problema de "qual educação, para qual sociedade?"

Incapaz de formular o seu projeto de desenvolvimento, o Brasil tem sido igualmente incapaz de conceber um modelo de sociedade e um projeto de futuro a partir do sistema educacional.

Contudo, vai se formando o consenso em torno da ideia de que, sem uma revolução educacional, nosso país vai perder de forma irremediável a capacidade de se colocar diante de uma nova divisão internacional do trabalho num padrão cada vez mais competitivo. Mas é possível dar uma virada, como bem demonstram várias nações de desenvolvimento recente.

No campo da educação existem boas experiências no Brasil. Vamos considerá-las com todo o respeito que merece a coisa pública. Vamos tomá-las como oportunidades na elaboração de projetos para um novo país que estará sendo discutido por todos no ano eleitoral de 1994. E vamos abandonar a mesquinhez equivocada daqueles que insistem nos refrões ultrapassados de que "nada vale nada" e "quanto pior, melhor".



Instituto